

# O PROTAGONISMO DE UMA SOGRA

## A história de Noemi e Rute

### Uma abordagem feminina sob o olhar da psicologia

Maria Aparecida Duque e Rosana Pulga

#### Introdução

Todas as partes de um organismo formam um círculo.  
Portanto, toda parte é começo e é fim.

*Hipócrates*

O livro de Rute é cheio de personagens humanas. E onde há o humano, há também seus aspectos fenomenológicos, incluindo o psíquico. Não há, portanto, nenhum atrevimento literário de interpretá-lo, por meio da ciência da Psicologia, onde essa história tão bem se adapta. Esse livro nos oferece uma riqueza de interpretações, que podem ser lidas e refletidas nas mais diversas situações vivenciais.

No capítulo 1, versículos 1 e 2, uma família nos é apresentada numa constelação nuclear perfeita: o esposo/pai Elimelec<sup>1</sup> que a lidera é quem toma iniciativas como, por exemplo, fugir da fome, emigrando com todos os seus para os campos de Moab<sup>2</sup>; a esposa/mãe Noemi que, como boa companheira o segue, levando consigo os dois filhos: Maalon e Quelion. Ela seguiu seu marido calada e, segundo o texto, não tomou decisões e não teve escolhas próprias.

Percebe-se, nessa descrição, a existência de um sistema familiar, que, embora patriarcal, é circular, globalizado, onde todos os membros se inter-relacionam, “seguem juntos” e nenhum deles se nega a cumprir o estabelecido – o instituído. Entre eles, há um retorno, uma interalimentação de sentimentos e de cuidados de uns para com os outros e, nesse movimento, as forças se somam facilitando a adaptação ao novo contexto domiciliar, onde são sujeitos à nova cultura, a novos costumes e até à nova crença religiosa, assinalada na aceitação dos casamentos dos filhos com mulheres moabitas, sendo tudo isso reforçado em 1,3, onde o texto diz: “*chegando aos campos de Moab, ali se estabeleceram*”.

1. Elimelec é nome teofórico (= Meu Deus é Rei). Talvez contenha uma ponta de polêmica referente a Abimelec (= Meu Pai é Rei; Jz 10), tentativa fracassada de monarquia hereditária. Maalon vem da raiz “estar doente” e Quelion, da raiz “consumir-se”. Sua função na narrativa é morrer no tempo certo e criar uma situação legal. *Bíblia do peregrino, Livro de Rute*, cap. 1, nota ao v. 2. São Paulo: Paulus, 2002.

2. Lugar. Moab, Transjordânia: no tempo dos Juízes foi um dos opressores de plantão (Jz 3); foi o lugar da última atividade de Moisés. Pode simbolizar qualquer desterro não definitivo. Belém é escolhida por sua relação com Davi; é curioso que não se fale de pastoreio; tudo é agrícola. *Bíblia do peregrino*. Idem, nota b.

Em Moab, os acontecimentos familiares fluem:

- Há trabalho para a sobrevivência.
- Os dois filhos se casam, a família aumenta e já não é a mesma; pessoas de costumes e crenças diferentes passam a fazer parte dela.
- O marido Elimelec morre e Noemi sente o vazio da viuvez.
- Como se tudo isso não bastasse à família, morrem também os dois filhos.

Agora, são três viúvas que formam uma subclasse, numa sociedade patriarcal. Até a morte do marido nada é falado a respeito de Noemi, a não ser de sua *submissão* e de sua obediência, virtudes fundamentais a uma mulher daquele período.

Como se sustentarem, no equilíbrio, diante de tantas perdas e de tantos lutos?

### **Situando a história no seu contexto**

O livro de Rute, uma história da Bíblia, começa como muitas histórias contadas por nossas avós. É como diz o povo vindo do interior do sertão: “é um caso antigo”. Mas há uma diferença entre os “causos” do sertão, as “histórias da vovó” e a história de Rute contada na Bíblia. Ela parece um “caso”, mas é uma realidade. Parece até uma novela, mas é o jeito de contar a história dos *fracos* perante o domínio dos *fortes*: uma sogra viúva, sem netos, com duas noras viúvas!

O livro de Rute é uma história popular com sábias lições da psicologia familiar, em tempos difíceis para o povo de Israel. Por isso, é um “caso”. Parece ter acontecido na época dos juízes, no período da organização tribal, quando o sistema era *circular*, fraterno e igualitário (1250 a.E.C.). O “caso” é lido, relido e reinterpretado no pós-exílio (400 a.E.C.). É como, se agora, na reconstrução e na reorganização do pós-exílio, o povo da base pedisse a Rute que, a exemplo de Lia e Raquel, ela fosse agora a “mãe” da comunidade judaica. Carlos Mesters diz: “O livro de Rute começa e termina fazendo renascer a antiga profissão de fé que dizia: ‘Elimelec!’, que significa: ‘Meu Deus é Rei!’ Somente um povo que pratica a justiça, que respeita a vida dos pobres e anda na fraternidade solidária pode dizer: Elimelec!”

O livro de Rute é um protesto ao sistema Tributário, que ofendeu a justiça, maltratou a mulher estrangeira e deixou muitas famílias em pranto.

### **Uma janela se abre: “As escolhas”**

Poder escolher é um privilégio que assiste a todo ser humano, mas é também aquele direito que nos confere a responsabilidade e traz conseqüências.

No texto do livro de Rute são muitas as *escolhas*. Nós destacaremos as *escolhas femininas*:

- Noemi escolhe voltar às raízes familiares, à sua terra natal, Belém de Judá.
- Rute escolhe voltar com a sogra Noemi.
- Orfa escolhe retornar à sua própria família e viver como vivera antes.

A escolha é livre; as decisões são nossas e são sempre acompanhadas por alguma consequência. O que escolhemos fazer provoca efeitos em nós, no outro, no social e faz a diferença. Fazer uma escolha é assumir uma responsabilidade.

Rute, a nora, fez sua escolha. Foi determinada e não se amedrontou diante do desconhecido. Ela seguiu seu projeto de acompanhar a sogra Noemi. O relacionamento entre elas mudou. Se antes era de sogra e nora, agora é de amizade, coleguismo, de objetivos comuns, de lealdade e de fidelidade em suas confidências. Como parceiras Noemi e Rute tomam iniciativas, forçam os acontecimentos, traçam planos, os executam e fazem história.

Orfa escolhe ficar. Ela se derrete em beijos e lágrimas pela perda de Noemi. Essa sua atitude, com certeza, também lhe exigiu coragem e determinação. Viúva precoce, sem filhos, que mais poderia ela *desejar*, além do aconchego e da felicidade familiar?

Que sentimentos povoaram, nesse momento, o pensamento de Orfa?

- Ela sabia que os hebreus nunca se deram bem com os moabitas e, com certeza, não quis ir contra suas tradições. Ela sentiu as dificuldades que poderia encontrar pela frente.
- E como seria, no depois, a soma: sogra mais nora, mais nora? Como seria esse relacionamento?

A incerteza e o medo pelo desconhecido, ou a comodidade de permanecer entre os seus, falaram mais forte para ela, naquele momento de decisão. Orfa age dentro da normalidade.

A existência de outros sonhos e de outras expectativas a fez voltar para casa. Ela pode não ser considerada tão extraordinária quanto a concunhada Rute, mas teve maior soma de ganhos. O que ela ganha, ficando com seu povo, com seus costumes, com seus valores, com sua crença é o que lhe dá segurança, enquanto viúva e sem filhos.

Noemi não é mulher de ficar parada e também faz sua escolha. Ela tem visão, planos e coragem. Se não confiasse muito em si mesma, no seu Deus e se não soubesse o que estava fazendo, com certeza ela não voltaria para Belém.

Voltar não é uma atitude fácil de se experienciar. Às vezes, significa retrocesso, recaídas, insucessos e sempre vem acompanhada pelo sentimento de resistência, baixa auto-estima e de culpa.

No texto de Rute, esse verbo “voltar” tem os seus mais variados olhares.

O que levou Noemi a escolher voltar? Se dermos a resposta à luz do texto, descobriremos que Noemi voltou para:

- Inserir-se novamente em suas raízes culturais e familiares – o olhar do círculo social.
- Refazer sua vida como mulher – o olhar feminino.
- Descobrir como fazer acontecer sua descendência – o olhar sedutor.
- Buscar seu Deus e seu pão – o olhar da plenitude.

## **Olhar do círculo social**

Toda família vive em um contexto onde existem conteúdos referentes aos vários sistemas: político, econômico, social, cultural e religioso. Esses sistemas vigoram de acordo com o tempo e com espaços específicos de cada época, num movimento contínuo que, ciclicamente, vai se fazendo passar de geração em geração, estabelecendo conexões firmes entre elas. Esses conteúdos influenciam no comportamento e nos valores das famílias que, em seus ciclos de vida, operam mudanças e transformações, como respostas às pressões internas e externas que lhe garantem sua unidade e mantêm sua continuidade. E no período dos juízes isso não era diferente.

No início deste texto, referimo-nos à *volta* de Noemi para Belém, sua terra natal, em busca de suas raízes familiares. Ela não volta para assumir seu desejo, mas por submissão às suas raízes. Noemi não está só. Sua inseparável nora Rute está com ela. O Deus de Noemi já é o seu Deus, o povo de Noemi já é seu povo. A situação, agora, está invertida. A estrangeira é a nora, que com certeza sabe que, como moabita, não é ali bem-vinda.

Que emoções sentirá uma pessoa em terra estranha e inimiga?

Que ser humano não se aflige, ou não se vê em conflito, ao se introduzir numa nova família, em uma nova terra ou em um novo povo? Que avaliações lhe foram feitas ao chegar só com a sogra?

O texto bíblico, no livro de Rute, não se refere a nenhum familiar direto de Noemi, a não ser os dois parentes de seu falecido marido: Booz e “aquele outro” (sem nome) que possuía mais direito sobre o resgate, mas que nem sequer demonstrou interesse ou compaixão pelas duas viúvas. Mas Noemi, com sua intuição de mulher, sabia o que estava fazendo e, por isso, continuou confiante. Ela sentia saudades do modo de viver de suas amigas, de suas vizinhas e de seu povo. Ela sabia que encontraria, ao menos, semelhanças nas crenças, nos costumes e nos valores de seu tempo. Ela queria adorar seu Deus, juntamente com “os seus” com o mesmo ritual, nas mesmas celebrações e, com certeza, já estava cansada de superar preconceitos em uma terra estranha, onde ela sabia que não era bem aceita, pois os hebreus não eram bem-vindos entre os moabitas.

## **Olhar feminino**

O livro de Rute é, quase inteiramente, um livro de mulheres, em que são destacadas prioridades que fazem parte do universo feminino: casamento – proteção – filho(s).

Mesmo tendo sido escrito no período dos clãs, quando o regime era absolutamente patriarcal, nele os homens ganham pouco destaque. Em contrapartida, as imagens femininas recebem atributos heróicos e quem ocupa o centro do palco é Noemi, “a sogra”, ao lado de sua nora Rute, embora, de quando em vez, trocam-se os papéis: em alguns momentos quem predomina na cena é Rute. Mas Noemi é a atriz principal, a matriarca: ela costura a trama, dirige a ação e faz acontecer. Ela é o ponto de partida e de chegada. As duas apresentam características de submissão, embora Rute aceite tal situação porque o poder da sogra a coloca nesse lugar. Elas se revelam sabiamente in-

separáveis na condução de suas histórias, numa ação partilhada, dentro de um modelo de fidelidade, de respeito mútuo, mostrando a quem queira observar, que a cooperação, a solidariedade entre mulheres e também entre sogra e noras podem existir, dependendo dos olhares dirigidos ao filho/marido e vice-versa. Se esse olhar é de estima e de amizade e não de rivalidade entre mãe e esposa, a relação pode ser positiva, e contradiz a vasta literatura sobre as disputas existentes entre mulheres, tema presente até mesmo nos textos bíblicos como no livro de Gênesis, que faz alusão às lutas entre mulheres e servas, irmãs rivais, dentre outros (cf. Gn 16; 30,1-24).

No duo, Noemi e Rute, parecem figurar as duas faces de uma mesma moeda. Considerando, de um lado, a juventude e a alegria da vida em Rute, e, do outro lado, a maturidade, a experiência e prática vivenciais de Noemi; percebemos que cada uma delas é movida por um *desejo particular*, e a submissão de uma encontra ressonância na pessoa da outra.

### **Olhar sedutor**

Na história bíblica de Rute há uma profunda ambivalência na vida das duas mulheres, Noemi e Rute. Elas estão juntas na luta pela sobrevivência e pela fidelidade aos direitos legais, por isso cooperam em tudo, uma para com a outra. Podemos até acreditar que essa ambivalência é provocativa e funciona como desafio. É ela que produz a união de esforços, que aguça as intuições femininas e que leva a engendrar romances e criar as estratégias sedutoras. É também um pragmatismo, tipicamente feminino, que faz com que Noemi use de sua perspicácia e sentido de oportunidade para perceber o que Rute poderá desempenhar junto ao parente rico de seu marido, que tem o direito de resgate sobre elas. É também a descrição de uma disponibilidade feminina, sem limites, de uma nora para com sua sogra, que permite o desenrolar de um processo que usa a mente, o corpo, muita imaginação e coragem para ser concretizado.

- Mas de quem é, realmente, a sedução?
- E de qual viúva é a fala ainda não elaborada?

De Rute, mulher jovem, cheia de vida, de sonhos, de expectativas, que disse: “*Farei tudo o que disseste*” (3,4). ou de Noemi, mulher madura, experiente, prática que devido à situação em que vivia, encontrava-se cheia de desejos e de necessidades humanas, sociais, econômicas, culturais e que planeja todo o jogo da sedução? (3,3).

Mas é Rute quem entra na partida. Entre virtude e sedução, recato e iniciativas ela vai à luta. Embora descrita como mulher tímida, e dependente, de maneira ousada ela se lança ao desafio e começa a agir. Respeitosamente pede licença a Noemi, fala de seus planos e recebe seu consentimento. Ela parte para respigar no campo, “*atrás da-quele que me acolher favoravelmente*” (2,2b). Com coragem, cria possibilidades para conseguir sustento para si e para a sogra e abre caminhos de esperança para o futuro das duas. Consciente, inconsciente ou por acaso Rute entra na parte do campo pertencente a Booz, parte rica de Elimelec, seu sogro. É aí que tudo começa. Com esse ato de coragem sua vida ganha entusiasmo. Florescem-lhe expectativas, e um sentimento novo vem surgindo. Booz lhe dá a permissão para respigar, facilita-lhe todo o trabalho

e ainda lhe garante proteção e água. Num “gesto dramático” de gratidão, ela se lança por terra e exclama: “*por que encontrei favor a teus olhos, de modo que te tenhas interessado por mim, que não passo de uma estrangeira*”? (2,10). Essa fala de Rute evidencia como era forte o estigma de ser uma estrangeira na terra de Israel, a falta de aceitação que lhe era decorrente e como tudo isso devia influenciar em seu comportamento e em sua auto-estima.

Mas qual mulher não se faz notada e admirada por um homem ao lançar-se ao chão em forma de agradecimento?

Booz se permite entrar no jogo intencional da sedução e devolve a Rute seu sentimento de conquista, quando a chama para a mesa. Essa atitude muda a situação entre ambos. Ele lhe demonstra generosidade, fornecendo-lhe mais alimento do que lhe é necessário. Esse gesto simboliza cuidados e proteção que tocam o coração de Rute. Ela foi tratada diferente das demais servas.

E nessa troca de cuidados e de olhares entre uma colheita e outra, Rute e Booz tiveram tempo suficiente para se conhecerem e se amarem.

Agora vem à tona a pergunta: O que é que realmente Rute foi colher?

Colheitas terminadas; tempo de bater a cevada e de celebrar o trabalho concluído. Booz comeu e bebeu. Noemi sabe dos costumes de seu povo. Como grande matriarca ela desempenha o papel de conselheira e revela a Rute seus planos: “*Lava-te, pois, e perfuma-te, põe teu manto e desce à eira, mas não te deixes reconhecer por ele, até que ele tenha acabado de beber e de comer*” (3,3).

Rute aceita, mais uma vez, ser guiada pela sogra e segue seus conselhos (3,6-8). Como diz Athalya Brenner: “e a cena da sedução é executada de modo adequado e eficaz”.

Hoje, fica-nos a interrogação: é lícito agir dessa maneira para conseguir a realização dos próprios desejos?

## **Olhar da plenitude**

A história contada no livro de Rute segue um caminho que se inicia na abundância, passa por provações e termina num clima de felicidade e realizações.

Noemi sem marido, sem terra e sem filhos, com a responsabilidade sobre duas noras viúvas também sem filhos, não se desespera. Mantém-se na esperança, na confiança em si mesma e, mesmo com a idade avançada, termina sua história glorificada como mulher e mãe. Como mulher sábia Noemi alcança tudo o que deseja.

No filho de sua nora Rute, com Booz, o parente rico de seu marido, Noemi recupera seu estatuto de mulher e vê perpetuar sua descendência. O filho e herdeiro de Eli-melec – Obed – que pela narrativa bíblica não tem qualquer ligação de sangue com Noemi, surge em sua vida como seu redentor. É ele quem lhe devolve a vida, a alegria e a linhagem. É por meio dele que o nome de sua família se perpetuará por longas gerações, até Jesus.

E o que mais pode querer Noemi? Não é a ênfase na maternidade o que dá sentido à existência de uma mulher, tanto na juventude quanto na maturidade? “*E Noemi, tomando o menino, colocou-o no colo e serviu-lhe de ama*” (4,16). Suas vizinhas congratulam-se com ela, dizendo: “*Nasceu um filho a Noemi!*” É a própria sociedade legitimando a adoção. Um mundo novo se abre para Noemi! Ela se vê e se sente mãe, com sua terra resgatada e o nome de sua família garantido para sempre. Agora não lhe faltará o pão e muito menos o seu Deus porque voltou e recuperou as tradições religiosas de seu clã.

A submissão de Rute por Noemi é tão grande que por ela se abdica de seu próprio filho e de seu lugar de mãe. Apesar de ser ela quem se casa com Booz e gera um filho, um herdeiro, a “resgatada é a sogra”.

Como fica, a partir daí, o olhar afetivo ou não afetivo, nesse círculo familiar, agora formado?

### **Reflexões finais**

Foi gratificante refletir e debruçar-se sobre o livro de Rute, buscando observar como pode ser o relacionamento entre sogra/nora, nora/sogra.

Nos tempos atuais, vale a pena reler com um outro olhar a história das três mulheres, (duas noras e uma sogra) citadas no referido livro.

*Orfa* é mulher que não se submete à lógica do imprevisível e que “*volta para a casa de sua mãe*”. Sente-se capaz de assumir sua própria vida e não se faz de heroína para ninguém, a não ser para si mesma. Ela não deixa nem história para a posteridade e nenhum livro com seu nome, mas deixa o testemunho de que, diante de perdas, o importante é ser prudente e se colocar novamente na caminhada com as próprias forças. Não vale se colocar no lugar de vítima, como fez sua sogra, ao se lamentar: “*Não me chameis de Noemi; chamai-me de Mara, pois Shaddai me encheu de amargura. Parti com as mãos cheias e Iahweh me reconduz de mãos vazias! Por que haveríeis de me chamar de Noemi, quando Iahweh se pronunciou contra mim e Shaddai me afligiu?*” (1,20-21). Não vale também se sentir obcecada diante das perdas e nem se aprisionar na necessidade de ser igual. Numa posição contrária à de Rute, ela é audaciosa e tem seus pés no chão: “*antes o certo do que o duvidoso*”. Ela se coloca no lugar da esperança: novo amor, novo marido, filhos moabitas, mesmos deuses, mesmos costumes e mesmas raízes.

*Rute* se deixa agir pelo emocional. Sente-se responsável pela sogra, faz promessas a ela e se empenha em cumpri-las, da melhor maneira possível. Passa a viver de acordo com os desejos dela. A questão da ética pessoal é superada pelo valor da bondade, da fidelidade, do altruísmo, da doação e da submissão total. Como consequência, perde sua autonomia; seus desejos são sobrepostos aos de Noemi. Ela vive para a “Outra”. O que ela tão bem realiza é para a “Outra”.

Rute representa para nós aquela criança “boazinha”, submissa e obediente, que assim se comporta para obter ajuda e proteção por parte de quem ela deseja chamar

atenção sobre si. Quando adulta, sente dificuldades em assumir atitudes criativas e positivas como a iniciativa, o senso de responsabilidade, a coragem na decisão e, em particular, se contrapõe à força libertadora de “*ser*”.

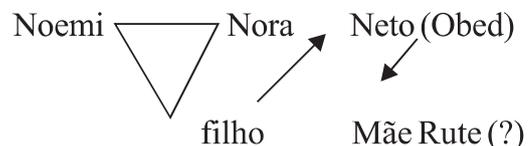
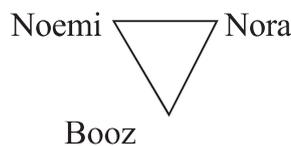
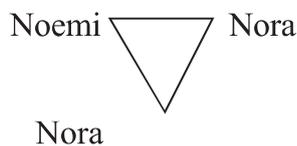
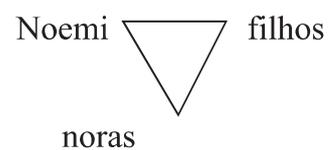
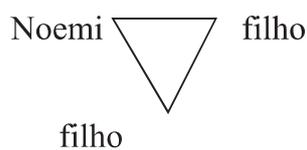
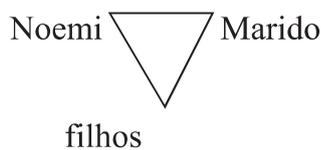
*Noemi*, da condição de submissa ao marido, passa para a condição de poder sobre Rute, que se permitiu ocupar esse lugar quando se posicionou por inteira ao dispor dela. É ela quem controla todos os bastidores da grande novela, encenada e contracenada pelas duas. Escolhe o marido para Rute, diz como deverá agir para seduzi-lo e adota o filho gerado, através da eficaz sedução por ela planejada. Em *Noemi*, os lutos vividos pelas perdas só agora, às custas de outros, são para ela elaborados.

Ela se posiciona no lugar de defesa, colocando-se como vítima de Iahweh. Lamenta sua falta de sorte e o vazio de sua vida. A amargura domina suas palavras, desde o início da caminhada de volta a Belém, quando sugere a permanência de suas noras em Moab. Esse seu comportamento é ainda mais evidente, diante de suas vizinhas, em Belém, que, de tão compadecidas, aclamam o nascimento do filho de *Noemi* e não de Rute.

- Mas que sensações pode experimentar uma pessoa que assim trabalha seus limites?

O aprender a dizer “Não”, é um aprendizado difícil, que exige de cada pessoa a inteireza real de suas impossibilidades. Mas dizer “*sim*” a todos e a tudo, de maneira persistente, é não viver para si; é buscar a aprovação do “outro”; é fazer o que agrada o “Outro”, ignorando seus desejos e suas escolhas pessoais. Esse comportamento paralisa o sujeito, suas energias e seus talentos não são utilizados, para que se desenvolvam seus próprios potenciais.

- O que fica do “não-dito” nesse sistema familiar?



Maria Aparecida Duque  
 m.cidadunque@yahoo.com.br

Rosana Pulga, fsp.  
 rosana.pulga@paulinas.com.br

## **Bibliografia**

- BRENNER, A. (org.). *Rute a partir de uma leitura de gênero*. São Paulo: Paulinas, 2002.
- VASCONCELLOS, M.J.E.de. *Pensamento sistêmico: O novo paradigma da ciência*. Campinas: Papyrus, 2002.
- IONATA, P. *Psicoterapia e religião: Casos práticos*. São Paulo: Paulinas, 1994.
- MESTERS, C. *Rute, uma história da Bíblia*. São Paulo: Paulinas, 1985.
- SILVA, A. da. *Rute, um evangelho para a mulher de hoje*. São Paulo: Paulinas, 2002.
- A Bíblia do Peregrino*. São Paulo: Paulus, 2002.
- McKENZIE. *Dicionário Bíblico*, em Rute, nota 3. São Paulo: Paulus, 9ª ed. 2005.
- MOREIRA, L. CARVALHO, A.M.A. (organizadoras). *Família, subjetividade, vínculos*. São Paulo: Paulinas, 2006.
- MICELI, M. *Sentir-se só*. São Paulo: Paulinas, 2006.